ANO XVIII - No 80 SETEMBRO/OUTUBRO

ERRATA Desde o início do ano que publicamos o Grito no Nordeste como ANO XIII (treze). Agora consertamos, pois na verdade este é o seu ANO XVIII (dezoito).

MORLESTE

RIO GRANDE DO NORTE POR UMA POLÍTICA **AGRÍCOLA** DE RESISTÊNCIA



Leia na página central.

O Atentado a Pedro

PAG 8



A Greve Vitoriosa



Durante vinte dias estivemos no Rio Grande do Norte preparando este número do Grito no Nordeste. As dificuldades de transporte impediram-nos de chegar a todos os lugares que estavam previstos. Mesmo assim encontramos muitos companheiros.

O assunto das nossas conversas foi sempre a situação da terra e a Reforma Agrária. Dessa maneira fomos nos preparando também, para a Assembléia Geral de outubro.

No final da viagem, estivemos reunidos em São Gonçalo do Amarante, perto de Natal. Do dia 25 a 28 de setembro, 35 militantes da ACR realizaram a Assembléia Estadual, Estavam presentes companheiros do SAR (Serviço de Assistência Rural), do MEB (Movimento de Educação de Base) e alguns dirigentes sindicais.

Apresentamos aqui o resultado desse trabalho. Esperamos que ele vá servir, especialmente aos companheiros e militantes do Rio Grande do Norte.

Baixa de Leroum Lugar Abandonado

Eu trabalhador rural, faco muito esforço pelo meu bem, de meus filhos e de todos. Quero falar sobre o problema daqui deste lugar onde vivo. Tenho a minha família e não posso educar. Problema que moro muito distante de água. E eles são obrigados a carregar a água para o consumo da casa. A água é carregada em animal

Não tem quem se interesse pela Baixa de Lero. O prefeito não liga. É um lugar esquecido. Só temos Deus por nós. A gente pede o abastecimento de água, mas nem promessa.

Fui obrigado a falar, para que se torne um lugar ligado aos outros e lembrado. Porque é o lugar que dá mais mandioca e tudo que planta dá. Não fazem estrada para transportar a colheita da gente. Falo para que vocês resolvam este problema o mais breve possível. Nós sofremos bastante. E queremos nos libertar para melhorar a nossa situação.

(Tacaratu/PE)

OS AMIGOS DSCIR DAY DIVI

Ameaças em São Bento

Ao fazer esta estou sofrendo com minha mãe doente mental. Eu e os companheiros estamos sofrendo ameacas até de morte por causa do Movimento. Mas não vamos parar, tenho conversado com as pessoas.

Sinto-me isolado, sem condição de trabalhar por causa da doença de minha mãe, Não quero me desligar da ACR. Desejo internar minha mãe para

ter uma condição de trabalhar. Penso também, que a me-Ihor solução seria um terreno

que apareceu desligado do meu lugar. O terreno conta com 160 quadras, cinco casas e através da Fecomipe, junto a diversos de nós, poderíamos ficar com essa terra. Se conseguirmos isso, existem várias famílias da ACR para a colonização do ter-

(São Bento do Una/PE)

Solidariedade do Piaui

Nós aqui estamos enfrentando algumas dificuldades, até mesmo financeira. Mas nós da Equipe estamos mostrando sinais de firmeza nas lutas. Como ACR, na luta sindical a gente têm alcançado algumas vitórias. Em lugares que os trabalhadores estavam suspensos de fazer roca, iá quase todos estão brocando

Participamos do Congresso Estadual da CUT e também do Congresso Nacional. Não sei se será um papel nosso, como militante da ACR, acompanhar o movimento dos trabalhadores?

Recebemos as fichas de inscrição da Assembléia e os questionários. O pedido de apoio para as assembléias estaduais, mas nós não temos os enderecos dos locais onde elas estão sendo realizadas. Vocês do Secretariado podem levar esta carta para ser lida nas assembléias. É a nossa solidariedade e nosso apoio a todas as Assembléias dos Estados.

(Esperantina/PI)

A Seca que nunca acaba

Gostei muito do Grito no Nordeste nº 79, não só pela sua qualidade em papel como pelo material de informação. Estas notícias deixa a gente muito forte na caminhada em busca da libertação.

Aqui, como em todo o Nordeste do Brasil, depois de cinco anos de seca Deus mandou um bom ano, de muita fartura. Um

bom inverno que criou a lavoura dos agricultores e que também, engordou muito os bois dos ricos.

Só que agora os preços mínimos do boi gordo para os preços mínimos do nosso feijão e milho é cruelmente diferente. Você precisa vender 60 quilos de milho para poder comprar dois quilos de boi gordo. Incrível. não é?

Portanto, no Brasil existe sempre uma seca terrível por parte dos homens que impedem do povo viver como narra o capítulo 10 de São João: "Eu vim para que todos tenham vi-

(Craibas/AL)

Justo Perde Ouestão no Tribunal

Venho ao encontro de vocês para dar minhas notícias, como também as dos companheiros do Maranhão. Estou de mala arrumada, não sei prá onde. Perdi a questão no Tribunal, mas se o prejudicado fosse só eu não era tão triste. Com essa derrota são prejudicadas mais de 100 famílias. Já venderam terras e estão vendendo. Os novos donos queimaram seis ca-

Estou aqui neste encontro em Vargem Grande, Neste dia 29 de setembro estão dividindo as terras no lugar que moro. Estou aqui, mas só Deus sabe a preocupação em casa, pois tenho certeza que a mulher e os companheiros estão com o coração na mão. Estão sabendo que temos de sair de um jeito ou de outro, pois para os grandes eu sou o atrapalhador nas vendas de terra.

Companheiros gostaria de contar tudo nesta carta. É impossível. Gostaria de ir à Assembléia com a mulher, mas demos a permissão a outros. Eles contarão muitas coisas. Com tudo isso, estou indo em vários municípios que têm conflitos de terra. Alguns dias estou em casa. Só no mundo.

(Itapecuru Mirim/MA)

Dificuldades com o **Sindicato**

Em nossa região a luta continua. Agora mesmo estamos organizando os mutilados. É o povo que perde os seus membros nas máquinas que desfibra o sizal. Perde dedos, mãos e até mesmo os braços, e as justicas porcas negam os direitos a estes nobres

Com relação ao custo de vida, quem tem dois bracos só está vivo e quem só tem um continua olhando para o portão do cemitério.

No dia 28 de setembro reunimos um grupo de mutilados e fomos ao Sindicato, afim de conseguir um transporte para os mutilados que se dirigiám a uma assembléia a 200 quilômetros daqui. Iam encaminhar suas aposentadorias através das ordens da Federação.

Como o presidente e o assessor do Sindicato estavam na Câmara dos Vereadores, fomos atrás deles. Esperamos uma oportunidade para falar com eles, mas ele se irritou e nos desrespeitou. O presidente da mesa se indignou com ele e foi contra a sua atitude. Nessas alturas ele caju de gagá.

Voltamos ao Sindicato e aí começou novamente a bagunca entrosada por ele. Mas nós do grupo fizemos que nem o bem-te-vi. Cada um dava uma bicorada em cima dos pelegos. No fim, o transporte ficou certo e as despesas divididas entre o Sindicato e a Prefeitura.

(Jacobina/BA)

EXPEDIENTE

GRITO NO NORDESTE Realizado pela Equipe Central da A.C.R. (Animação dos Cristãos no Meio Rural)

REDAÇÃO E EDIÇÃO:

Arnaldo Liberato. Gerson Flávio, Marcílio Cavalcanti, Domingos Corcione, Jaka, Paulo Alvaro, Juracy Souza, Joãozinho, Judite e Pe. José Servat.

Endereço da A.C.R.: Rua Giriquiti, 48 CEP: 50.000 - Recife/PE FONE: 231.3177

No último número do Grito no Nordeste, vimos o projeto de Deus sobre a terra. Mas na história dos homens esse projeto foi deturpado e a exploração do homem substitui o plano de Deus, Podemos ler na Bíblia os profetas Isaías 5, 8 - Amós 5, 7 e Miquéias 2, 2. A história da vinha de Nabot (1 Reis 21, 3-9) continua a acontecer no meio rural brasileiro. O povo é escravo na sua própria terra porque nada tem (Neemias 9, 36-37). As consegüências são emigração, deportação, destruição de um povo. Mas Deus continua sempre com o seu povo para libertá-lo (Gênesis 46, 4).

Alguns homens ocupam muita terra, grande parte inculta e sem produzir. Consideram-se donos exclusivos e assim, tomam o lugar de Deus. Apesar das escravidões, dos exílios e injustiças, a promessa de Deus continua. Ela deve se firmar sempre mais no coração dos lavradores, porém a posse da terra deve ser conquistada. É na Reforma Agrária que se concretiza a esperança dos lavradores.

A Reforma Agrária é a reorganização planejada das leis e instituições que regulam as relações entre os homens e a terra, para permitir o desenvolvimeno integral do homem. É a realização de uma igualdade econômica, política e social. Mas esse processo que tem como finalidade a transformação profunda da estrutura agrária, exige antes de tudo uma revolução nas mentalidades: do povo, dos donos e dos responsáveis políticos.



Transformar as condições de vida do meio rural.

TERRA PARA TODOS OS HOMENS DO CAMPO

A CONQUISTA DA TERRA:

Antes de entrar na terra da promissão e de conquistá-la juntos, Deus exigiu quarenta anos de preparação, de purificação, de renovação das mentalidades e de organização de seu povo.

Qual é hoje a preparação do povo lavrador para merecer a terra prometida por Deus? Para ele mesmo adquirir essa terra que é dele por vontade de Deus?

Responsabilidade do Camponês: Quem deve fazer a Reforma Agrária são os homens do campo. O Papa João XXIII dizia: "Estamos convencidos que os protagonistas (os principais lutadores) do progresso econômico e social e da elevação cultural do meio rural devem ser os mesmos interessados, quer dizer os lavradores" (Mater et Magistra, P.141, de 1961).

Assim sendo, a Reforma Agrária não deve ser presente, doação de uma pessoa ou de um governo que se coloca no lugar de Deus distribuindo favores. Mas esta Reforma tem que ser obra comum, conquista de um povo consciente, unido e organizado, exigindo o que já lhe foi dado pelo Criador e que é um direito natural.

AS CONDIÇÕES DE PARTICIPAÇÃO:

 Nós cristãos, sabemos que estamos chamados por Deus para criar um mundo mais justo. Por isso, precisamos nos encontrar em Igreja, conscientes da vida que vivemos e das exigências da Palavra de Deus. Nossas comunidades de fé, nosso Movimento da ACR e outros encontros pastorais são lugares e tempo onde descobrimos que somos povo de Deus à servico do mundo. Nunca deixemos de valorizar essa dimensão de fé, refletindo e rezando juntos, animados para realizar o que descobrimos como sendo o projeto de Deus, Nossas equi-

GRITO NO NORDESTE - 3

pes de reflexão e articulação são fonte e raiz do nosso compromisso,

Pela ACR descobrimos a necessidade de nos organizar como povo camponês, classe trabalhadora chamando todos os companheiros a participar. Delegacias sindicais, sindicatos, cooperativas e outras organizações são instrumentos para nossa caminhada libertadora. Com eles nos tornamos fortes e conquistamos vitórias, como na greve da região canavieira. Um povo consciente e bem organizado consegue muita coisa.

— Para isso, descobrimos que é necessário unir os esforços da nação brasileira e dos povos explorados. É toda a sociedade brasileira e mundial que precisa ser refeita. Os princípios e os valores colocados nos alicerces dessa sociedade serão diferentes dos de hoje. Chamamos isso de mudança das estruturas da sociedade.

Unir-se para isso, seja num partido, seja numa atividade transitória é fazer política, quer dizer, promover o bem geral de todos na nação. Um povo camponês participante exige condições reais para que a verdadeira Reforma Agrária liberte os pobres.

Animados pelo espírito de Jesus Cristo, organizadores da classe trabalhadora, que se torna capaz de exigir os seus direitos, construtores com os outros de uma sociedade nova, vamos fazer aparecer um mundo novo, um "novo céu e uma nova terra" (Apo 21, 1).

Assembléia de Lavradores do Ceará

Mais de 150 lavradores do Ceará reuniram-se em Canindé, nos dias 14 e 15 de setembro, nessa grande Assembléia com o tema: "TERRA E REFORMA AGRÁRIA". Participaram também, alguns padres e os bispos auxiliares de Fortaleza, Dom Edmilson e Dom Geraldo, o de Iguatu, Dom Mauro e o Cardeal de Fortaleza Dom Aloísio Lorscheider.

Na primeira parte do encontro foram contadas diversas experiências de luta pela terra, algumas com a atuação destacada e corajosa de mulheres. A Assembléia aprofundou de maneira mais demorada algumas dessas lutas. Um assessor recolocou os acontecimentos de hoje na longa história do Brasil: da Lei de Terra de 1850 até hoje. Podemos contar ao menos 507 conflitos de terra de 1850 a 1889, com as revoltas do "Quebra Quilos" e "Ronco

da Abelha", as experiências massacradas pelo poder em Canudos na Bahia, Contestado no Paraná, Caldeirão no Ceará, as Ligas Camponesas e outras.

Um dos participantes afirmou: "Para nós, falar na terra é falar em Deus". A Bíblia conta a libertação do povo de Israel, escravo em terra estrangeira, até a conquista da terra da promissão. Esse acontecimento histórico fica no centro da religião e das celebrações dos judeus.

COMO OS TRABALHADORES QUEREM A REFORMA AGRÁRIA?

Querem terra e meios para trabalhar, terra comunitária, sem dono e ao serviço de quem precisa. Nessa Reforma Agrária querem a participação ativa e consciente dos lavradores. Isso exige uma ação política para participar do poder e da possibilidade de fazer leis que atendam as necessidades populares.

Dom Aloísio, com coragem e lucidez, concluiu essa reflexão lembrando o maior escândalo do Brasil: "a concentração de terra sempre maior nas mãos de pouca gente, o que dá riqueza e poder a uma minoria requintada e injusta. Deus quer a terra para todos, mas o homem atrapalhou o plano de Deus. Quem concentra assim a terra são os ladrões de hoje. Os trabalhadores têm que usar o direito deles de poder usar a terra que Deus dá para todos. Para isso, é necessário utilizar os meios possíveis e sobretudo, a educação sindical e política. Assim o Brasil poderá chegar a uma verdadeira organização da agricultura. As condições são: coragem, união, consciência dos direitos de todos e ação perseverante.

1ª ROMARIA DA TERRA

No domingo, 16 de setembro, 5 mil trabalhadores do Ceará e dos Estados vizinhos concentraram-se no abrigo dos romeiros em Canindé, para celebrar a 1ª Romaria da Terra a São Francisco. Mais de 20 padres e bispos acompanharam os trabalhadores.

Os diversos grupos das dioceses expressaram as situações e realizações do povo do sertão. Terminou o dia na praça da Basílica de São Francisco, pela celebração da missa com o Cardeal, bispos e padres presentes. Dom Aloísio deu a mesma orientação, firme e clara ao povo do campo. A próxima Assembléia da Terra será realizada em Juazeiro/CE, de 28 a 30 de junho de 1985.

JOVENS NA ASSEMBLÉIA DA PARAIBA

A presença de muitos jovens de diversos lugares deu um aspecto alegre a Assembléia Estadual da ACR na Paraíba, realizada em Guarabira, de 14 a 16 de setembro. O tema do encontro foi: A REFORMA AGRÁRIA QUE QUEREMOS FAZER. Aconteceu num clima de muita seriedade e todos os participantes tiveram oportunidade de colocar suas experiências.

A presença de muitas mulheres foi algo de animador. O despertar das mulheres para a realidade, essa conquista de espaço que lhe cabe, repartindo com o homem a responsabilidade de transformar a sociedade, dá ao meio rural uma nova vida.

Num momento do encontro, os jovens se reuniram para discutir a participação deles nas comunidades. Daí se viu a importância do trabalho conjunto com os militantes mais velhos da ACR, o que fortifica a organização dos trabalhadores rurais em vista da libertação do homem do campo.

A cada dia os jovens conquistam mais espaço nas comunidades, na Igreja e até nos sindicatos. Cresce o número de jovens rurais que não se calam mais diante de tanta injustiça. Foi com entusiasmo que eles discutiram a questão da Reforma Agrária. Participaram da animação do encontro com teatro, versos, brincadeiras e com cantos. O encerramento foi feito com a celebração eucarística, onde todos colocaram diante de Cristo os símbolos que representam suas vidas e o compromisso de continuarem firmes na luta.

ENCONTRO REGIONAL

19 Encontro Regional Nordeste IV

Será realizado de 13 a 16 de dezembro, em Bacabal/MA, o 1º Encontro Regional de Jovens Rurais, do Regional Nordeste IV (Piauí e Maranhão).

Os motivos para este encontro são:

- O próximo ano será o "Ano Internacional da Juventude";
- Incentivar a presença dos jovens nas organizações: Igreja, sindicato e outros;
- Ver a situação de miséria, migração, suicídio, etc, no Estado do Maranhão e Piauí;
- Cumprir as conclusões do III Encontro de Jovens Rurais do Nordeste realizado em Recife.

JOVENS RURAIS SINDICALIZEM-SE

Esperantina, município situado ao norte do Estado do Piauí, tem uma população de aproximadamente 30 mil habitantes. A grande maioria da população vive da agricultura. Têm mais ou menos 18 mil trabalhadores rurais, em sua maioria jovens. Temos o Sindicato dos Trabalhadores Rurais com mais de 5 mil associados. Apesar disso, consideramos que é pequeno o número de associados comparado com o número de trabalhadores rurais do município. Sentimos a falta de um maior trabalho de educação sindical na base.

Esperantina é considerada um município de grandes conflitos e perseguições por causa da resistência e luta pela terra. Muitos jovens estão nesta luta, através da participação nas comunidades e nos grupos. Mas eles participam pouco do sindicato. Na área do coco babaçu há muita participação dos jovens rurais na resistência e na luta pela conquista da terra para trabalhar e morar. Porém, a grande parte dos jovens rurais não têm uma consciência dos problemas que atingem sua classe.

Por falta de terra para trabalhar, muitos jovens camponeses são obrigados a deixar seu lugar e a procurar trabalho em outras terras para não morrer de fome. Muitos voltam decepcionados, doentes e outros não conseguem voltar porque morrem ou são impedidos.

A grande maioria dos jovens rurais do nosso município trabalha de rendeiro, diarista e em regime familiar. Os rendeiros, no fim da colheita, são obrigados a entregar a maior parte da produção ao patrão. Os diaristas recebem uma diária miserável dos proprietários e fazendeiros. Os que trabalham num pedacinho de terra da família, a produção não dá para garantir até a outra colheita.

Diante dessa situação a nossa principal tarefa é a resistência e luta pela terra. A terra na mão de quem trabalha acaba com o desemprego e a miséria. Com isso, não seremos forçados a ir sofrer na cidade. O nosso lugar é no campo. Pra resistir e lutar pela conquista da terra a principal ferramenta é o SINDICATO.

COMO NASCEU A CAMPANHA DE SINDICALIZAÇÃO:

Dentro dessa realidade a Coordenação dos Jovens Rurais está enfrentando uma Campanha de Sindicalização dos Jovens Rurais, como forma de conscientização para abrir os olhos dos companheiros. A idéia dessa campanha nasceu num encontro de jovens rurais realizado na comunidade Boa Vista dos Cariocas, em maio último, onde o tema estudado foi: "JOVENS RURAIS E A PARTICIPAÇÃO NO SINDICATO". Foi um encontro muito bom. Esteve presente o presidente do Sindicato. Nas conclusões finais, os 70 jovens presentes decidiram fazer uma campanha de sindicalização para motivar a participação do jovem rural no sindicato.

OBJETIVOS DA CAMPANHA:

O encontro de jovens rurais sobre sindicalismo analisou que a pouca ou nenhuma participação de jovens do campo no Sindicato é por falta de educação sindical. A idéia que está na cabeça da maioria dos jovens rurais é que o sindicato é coisa de velho.

Foram os seguintes objetivos assinalados no encontro:

- Tentar tirar a idéia errada que está na cabeça dos jovens sobre sindicato;
- Motivar e incentivar os jovens rurais a participarem do seu sindicato;
- Contribuir no fortalecimento do seu sindicato:
- Contribuir na construção de um sindicato combativo, de luta e base;
- Motivar os jovens rurais a se sindicalizarem.

COMO ESTÁ SE DESENVOLVENDO:

No final do encontro sobre sindicalismo, foi feito um pequeno planejamento para fazer funcionar e iniciar a campanha:

10) de cada comunidade, dois jovens ficaram encarregados de falar, conversar, discutir e divulgar a campanha na comunidade. Estes jovens têm a responsabilidade e a tarefa de fazer a inscrição das pessoas que querem se sindicalizar;

2º) a coordenação tem a tarefa de articular, planejar e avaliar a campanha. A coordenação está visitando as comunidades para conversar sobre sindicato com as pessoas que estão organizadas e prontas para se sindicalizar. O Sindicato dos Trabalhadores Rurais está encaminhando a sindicalização na própria comunidade, através da sua diretoria.

A Campanha de Sindicalização está muito animada e funcionando até agora da forma mais simples possível nas próprias comunidades. Muitas pessoas estão participando. Embora em seu início, já temos mais de 100 jovens organizados e preparados para se associarem. Quando for em dezembro faremos um balanço de quantas pessoas foram sindicalizadas. Porém, estamos incentivando para que uma boa parte se sindicalize até o fim de outubro, para que possam participar da próxima eleição sindical e da escolha da nova diretoria. Consideramos a eleição uma forma muito importante de participação no sindicato.

A coordenação se encontra uma vez por mês para planejar e avaliar a campanha. Está preparando um folheto, um cartaz e um caderno sobre sindicato para contribuir na Campanha de Sindicalização.

VAMOS BATER UM PAPO:

- 1) Que idéia os jovens rurais de sua comunidade têm do sindicato?
- 2) Eles são sócios do Sindicato? Participam do Sindicato? De que maneira participam?
- 3) O que vocês acharam da campanha de Sindicalização dos jovens de Esperantina?

MIJARC

Um Sinal de Esperança no Mundo Rural



Cresce a cada dia a animação dos jovens do campo e a participação nos protestos contra as injustiças.

Nos dias 24 de setembro a 19 de outubro, realizou-se em Quito, capital do Equador, um importante encontro MIJARC. O que é MIJARC? Quer dizer: Movimento Internacional da Juventude Agrária e Rural Católica.

Estiveram presentes no encontro 45 pessoas, representantes de 10 países. A maioria eram jovens rurais. O restante eram assessores: leigos e sacerdotes comprometidos com os jovens rurais. Quem se lembra da companheira Judite, que participou do nosso Encontro Regional? Pois é, ela esteve lá no encontro do MIJARC.

A SITUAÇÃO DOS **JOVENS RURAIS**

Não é somente agui no Brasil que os jovens do campo são maltratados e explorados. Todos os jovens presentes no encontro falaram a mesma coisa:

Os jovens rurais não têm terra para trabalhar. Não têm emprego. Não têm comida suficiente nem casa pra morar. Não têm transportes. Não têm condições de saúde e de estudo. Não têm onde se divertir. Multidões de jovens são forcados a sair do campo em busca de me-Ihorias. Muitos são dominados pelo vício. As moças são marginalizadas três vezes, porque são pobres, vivem no campo e são mulheres. A maioria dos jovens rurais são frustrados e se sentem inferiores, têm até vergonha de dizer que são trabalhadores rurais.

A LUTA PELA LIBERTAÇÃO

Por outro lado, não é somente no Brasil que os jovens rurais procuram se organizar e tentam se libertar. Muitas atividades e experiências de lutas foram apresentadas no encon-

grupos de música, poesia, danca e teatro que valorizam a cultura do povo. Que participam ativamente das organizacões populares do campo. Que estudam a situação e as necessidades dos jovens rurais na busca de soluções. Que constroem pocos comunitários. Que realizam atos públicos de protesto e solidariedade a outros povos oprimidos. Grupos que discutem o problema da terra e a questão sindical. Que se engajam no sindicato. Que participam na organização de cooperativas. Que fazem trabalhos artesanais para resistir ao desemprego. Que organizam hortas comunitárias. Que fazem o trabalho de alfabetização. Que defendem a terra. Que organizam bibliotecas populares. Que organizam projetos de irrigação para camponeses sem terra. Que refletem a sua fé, rezam, avaliam e celebram as suas lu-

Para finalizar, Judite diz o sequinte: "Eu tinha muitas outras coisas pra contar sobre este encontro que participei. Mas agui é impossível contar tudo. Termino dizendo que o encontro foi muito interessante. Seria muito bom que o Brasil participasse dos próximos encontros que vão se realizar".



DE JOVENS RURAIS DO NORDESTE

26 A 29 DE JULHO DE 198

III ENCONTRO

RECIFE. PE

Os Jovens se **Encontram**

Na Comunidade Coqueiros

Olá amigos da ACR! Estou com muita saudade de vocês. Depois do último encontro, pegamos mais um pouco de experiência e estamos transmitindo para os jovens daqui.

Na comunidade de Coqueiros houve um encontro e estamos para fazer outros. Os jovens estão muito interessados e isso é importante. Os assuntos continuam sendo política e sindicalismo. Agora estamos discutindo sobre plantas medicinais e criatório de peixes. Gostaria que houvesse outro encontro daquele pra gente participar. (Geraldo, Sertânia/PE)

No Centro do Zé Machado

O nosso grupo de jovens esteve reunido de 31 de agosto a 2 de setembro, em Ludovico. Refletimos iuntos as situações dos grupos de dez comunidades. A gente viu uma vida dura e por isso, estamos procurando nos organizar para superar as dificuldades, que tendem a piorar.

Senti que a minha participação no encontro realizado em Recife, foi mais uma riqueza adquirida para mim e minha comunidade. As reflexões nós fazemos a cada segundo domingo de cada mês, sobre sindicato e outros assuntos que fortalecem a caminhada de nós lavradores.

Peço aos companheiros que mantenham um contato comigo através de cartas, para nos fortalecermos mutuamente na caminhada de cristãos engajados nos movimentos que visam a libertação de nossa classe trabalhadora. (Edson, de Lago da Pedra/MA)

Em Afogados da Ingazeira

Nos dias 31 de agosto a 2 de setembro, realizamos o 1º Encontro de Jovens Rurais de Afogados da Ingazeira/PE. Participaram mais de 30 jovens de várias comunidades e o assunto debatido foi: "Sindicalismo e Evangelização"

Os jovens estavam muito animados e sairam do encontro com a firme decisão de se organizarem naquela região. Viram que é preciso fazer uma evangelização que tenha como ponto de partida a vida deles. Que seja luz para ajudá-los na transformação das injustiças e na organização de um autêntico sindicato. Decidiram continuar esta reflexão e marcaram um próximo encontro para os dias 30 de novembro a 2 de dezembro.

JÁ ESTÁ A VENDA O RELATÓRIO DO III ENCONTRO DE JOVENS RURAIS DO NORDESTE.

> CUSTA APENAS Cr\$ 500.00 FAÇA O SEU PEDIDO PARA:

Secretariado da ACR Rua Giriquiti, 48 50.000 - RECIFE - PE

6 - GRITO NO NORDESTE

No momento atual, a classe dominante leva adiante uma proposta de reforma agrária em nosso país. A propaganda do governo diz que é "a maior reforma agrária do mundo". Na página central do último Grito no Nordeste vimos os vários tipos, as várias maneiras de fazer uma reforma agrária.

A exemplo dos militantes da ACR, na Assembléia Estadual do Rio Grande do Norte, os trabalhadores rurais procuram estudar e debater esta proposta de reforma agrária da classe dominante. Procuram entendê-la melhor. Descobrem aos poucos quais são os seus elementos, os frutos produzidos e quais os elementos que mais têm ajudado no processo de reforma agrária. Desta maneira os trabalhadores conseguem criar uma proposta de Reforma Agrária conforme os seus próprios interesses.

OS ELEMENTOS DA REFORMA AGRÁRIA ATUAL:

Os elementos que mais aparecem nas respostas dos trabalhadores são os seguintes: o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), o Ministério Extraordinário para Assuntos Fundiários (conhecido por Ministério da Terra) e ainda os ministérios da Agricultura e do Planejamento, as Que e Secretarias de Agricultura, os políticos, o Estatuto da Terra, o Usucapião, os vários projetos de colonização como o Polonordeste e o Projeto Nordestão, o DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra a Seca), a CIDA (Companhia Integrada do Desenvolvimento Agrário), a FUNAI (Fundação Nacional do Indio), a Igreja, os Meios de Comunicação de Massa, os bancos e os trabalhadores e dirigentes sindicais inconscientes. Sim, íamos esquecendo a EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural).

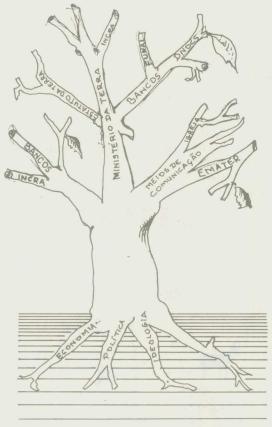
OS FRUTOS PRODUZIDOS POR ESSES ELEMENTOS:

No encontro de São Gonçalo, um dos trabalhadores disse o seguinte: "A gente vê que tudo isso que foi feito, todos esses órgãos criados, foi sempre em cima de uma luta dos trabalhadores. Vemos como uma maneira de abafar as lutas da classe trabalhadora".

Para os trabalhadores os frutos produzidos até aqui são: a distribuição de títulos de terra, a grilagem de terra, financiamentos, o deslocamento de famílias camponesas, a utilização de trabalhadores para propaganda da reforma agrária errada, a defesa dos interesses do governo e dos grandes, a utilização da reforma agrária com fins eleitoreiros,

o lucro através dos Meios de Comunicação, desvalorização dos produtos e a falta de financiamentos, falta de estímulo e atenção ao agricultor, falta de condições de trabalho, trabalhador vendendo a terra, repressão aos trabalhadores e suas organizações, acabar com os conflitos, barragens e expulsão da terra, entrada de empresas, o engano e a traição por parte de trabalhadores inconscientes.

Um dos pontos mais debatidos pelos trabalhadores é em relação ao financiamento. "A gente pede terra e financiamento. Se a gente têm essas condições, vem os insumos e implementos agrícolas. Daí quando se paga tudo, sobra 10 por cento da nossa produção. Qual é melhor, 10 por cento numa produção moderna ou toda a produção numa cultura rudimentar? — pergunta um dos participantes da Assembléia em São Gonçalo.



Como vemos no desenho da árvore, foi feita uma ligação dos elementos da atual reforma agrária com as raízes ideológica, econômica e política. Teve um dos trabalhadores que olhou pra árvore e disse o seguinte: "Para fazer uma Reforma Agrária é preciso fazer uma mudança política".

Vamos ver agora como os trabalhadores continuaram a conversa sobre Reforma Agrária. Depois de ver os elementos e os frutos da reforma agrária que está sendo feita no Brasil, chegaram à conclusão de que os seus interesses não são levados em conta. Descobrem que precisam criar, eles mesmos, um novo projeto. Vejamos:

A Reform que nós que Por Por Poli Agrica Resista



OS ELEMENTOS DA REFORMA AGRÁRIA QUE QUEREMOS FAZER:

Entre os elementos que mais aparecem, alguns já são bastante conhecidos. Outros são novos. Isso é bom. É a prova de que os trabalhadores sentem a necessidade de criar algo novo.

Os elementos apontados são: o Sindicato, a Igreja Povo, os Movimentos

a Agrária remos fazer

uma tica ola de tência

 Sindicato: conscientização, articulação e integração dos trabalhadores, e encampar as suas lutas;

ELEMENTOS:

 Igreja Povo: lutar pelos pobres e oprimidos, por uma dimensão de fé;

 Movimentos Populares: orientar e incentivar o trabalhador para uma política agrária;

 Cooperativa: manter firme a política agrícola dos trabalhadores e fazer reservas que sirvam aos trabalhadores;

 Meios de Comunicação: a serviço dos trabalhadores, informando e formando o que lhes interessa;

 Partido Político: ajudar a resolver o que existe de errado;

 M.P.B.: movimentar os trabalhos na base;

 R.T.T.: responsável pela Reforma Agrária.

Os trabalhadores se colocam agora diante de seu próprio projeto de Reforma Agrária. As mudanças a serem feitas são muitas. É um longo caminho a ser percorrido. Uma nova árvore está sendo plantada e ela não nasce de vez. Foi daí que nasceu a pergunta: o que podemos fazer já para levar adiante o nosso projeto de Reforma Agrária?

Para fortalecer essa conversa, os companheiros apresentaram algumas experiências alternativas. Por exemplo: como tirar do cajú o mel, o vinho, o doce e comer pra família, também não poderemos lutar por uma mudança política que favoreça a nós" — afirma o companheiro Raimundo Bento, de Ielmo Marinho/RN.

Foi esse pensamento de resistência que marcou as conclusões finais da Assembléia Estadual do Rio Grande do Norte, abaixo relacionadas.

> O QUE VAMOS FAZER AGORA:

 criação de animais em conjunto com a produção;

2 – diminuir o plantio industrial (cajú, coco, mamona, etc);

3 — plantar lavoura de subsistência (feijão, milho, mandioca, batata, inhame, cana, etc);

4 - trabalhar na base do mutirão;

5 – controle de preços dos produos;

6 — não devemos plantar lavoura pela propaganda;

7 - trocar o alimento com os companheiros;

8 — encontrar formas de comercializar juntos, no preço à vista, a nossa produção;

9 — aplicar experiências alternativas (cajú, cana, sorgo, amendoin, com adubos orgânicos, com os animais, etc);

10 — criar as bases do MPB e do RTT.



Em São Gonçalo, os trabalhadores discutiram a Reforma Agrária.

Populares (SAR, MEB, ACR, CENTRU, CPT e outros), a CUT, o CONCLAT, Cooperativa dos trabalhadores, um partido político dos trabalhadores, os Meios de Comunicação, criar um Fundo de Reservas, um Presidente da República dos trabalhadores, criar o MPB (Movimento Político de Base) e o RTT (Retorno de Terra ao Trabalhador), a união dos trabalhadores, a conscientização política e debater as propostas de Reforma Agrária (distribuição de terras com condições de trabalho).

ainda aproveitar o bagaço pra ração. Da cana tirar o mel, açúcar grosso, rapadura e também a ração. Do sorgo a papa, sopa, bôlo, cuscuz, pipoca, canjica e a ração. Do amendoim a farinha, leite, óleo, adubo (da rama). Foi falado também, de experiências com a criação de animais, como por exemplo a construção de um biogetor, que produz a energia por meio das fezes. Essa conversa foi boa. É dela que nasce uma nova política agrícola. "Uma política nossa e que nos possibilita resistir hoje. Se a gente não come e não pode dar de



Diminuir a produção industrial.

PARA REFLETIR EM GRUPOS:

1) Você concorda com as conclusões finais da Assembléia Estadual dos companheiros do Rio Grande do Norte? Por que?

2) Em sua comunidade existe esse tipo de prática alternativa? Quais foram os resultados?

3) O que a Palavra de Deus nos diz sobre essa maneira de agir?



OS TRABALHADORES SÃO ENCURRALADOS



Severino Antonio Nicassio

Assassinato em Ceará Mirim

Ao se apresentar para trabalho na manhã do dia 26 de setembro, foi assassinado com dois tiros de revólver o traba-Ihador rural Severino Antonio Nicassio. O assassino é o administrador da Fazenda Triqueiro, local do crime, Miguel Alves da Silva. A fazenda pertence a Companhia Açucareira Vale do Ceará Mirim, propriedade do Sr. Geraldo José de Melo, situada em Ceará Mirim/RN.

Conversamos com Damião Antonio Nicassio, irmão de Severino, que assim nos falou:

"Meu irmão trabalhava em aguação, aguando cana. Quem trabalha no servico que ele trabalhava sempre teve direito a um salário de dia e meio de serviço. Como era de costume ele ganhar. Depois que esse administrador que assassinou ele, assumiu o lugar de gerente na fazenda não quis mais pagar esse salário para o meu irmão. Já fazia uns três meses que ele vinha reclamando o salário para o administrador.

No dia em que ele foi assassinado, eu e mais dois irmãos estávamos enchendo um caminhão de cana a uma distância de 30 braças da casa grande.

Meu irmão subiu a calçada da casa grande, conversou com o administrador que no fina! disparou dois tiros contra ele.

Saimos na carreira atrás dele, que corria em muita velocidade. No meio do caminho estava o vigia da usina, Aelcio, com um revolver calibre 38 e nos ameaçou. Quando ele viu que a gente estava se aproximando, bateu mão revolver e gritou: o que meter daí os pés eu queimo. Mas isso não intimidou a gente. O vigia viu que nós ia mesmo, pegou no braço do assassino, com a arma na outra mão e fez carreira com ele. E nós se aproximando deles. Quando chegamos perto da casa do doutor, a casa de Imburana, o doutor Mario estava lá no carro com a porta aberta. Na carreira que ele vinha, só fez entrar no carro e mandouse no meio do mundo".

Os fatos estão claros. Esperamos que dessa vez a Justiça não tarde em punir o assassino e deixe de acobertar a violência patronal contra os trabalhadores rurais. Severino tinha apenas 44 anos de idade e deixa a mulher com 8 filhos, sendo que

o mais velho tem 17 anos.

EM PARELHAS esce o Latifundio

Em nossa passagem por Parelhas/RN, encontramos os companheiros da ACR dos Sítios Boa Vista, Maracujá de Cima e Juazeiro. Eles estão bastante preocupados, pois nos últimos meses seis pequenos proprietários venderam suas posses para os latifundiários — alguns de outros Estados, como Paraíba e Bahia.

Um dos novos compradores de terra botou um morador para trabalhar de meia. Ele cuidou da propriedade: limpou, plantou e colheu. Depois de toda a colheita, chegou o proprietário, que é de João Pessoa e começou com umas conversas enroladas com o trabalhador. Acabou levando todo o feijão do morador, deixando-o em situação difícil, sem alimento para sua família.

O morador discutiu o problema com as pessoas da comunidade e foi aconselhado a não sair da propriedade. Mas depois, chegou o proprietário com um novo morador. Já veio com toda a mudança. Após alguma confusão, o proprietário disse que daria 100 mil cruzeiros ao morador e que ele já tinha arrendado a terra ao outro. Acabou dando somente 40 mil cruzeiros e o trabalhador comprou uma casinha na cidade de Parelhas. Saiu forçado e sem receber pelo seu trabalho.

É cada vez maior o número dos trabalhadores sem terra no município de Pureza/RN. Aqueles que ainda possuem um pedacinho de terra estão sendo encurralados pelo latifúndio. De um lado, a base militar da Aeronáutica, de outro a empresa multinacional Garavelo e agora, na brechinha que existia na região dos tabuleiros, aparece outro comprador de terras, um tal de Adolfo.

Participamos de reuniões com trabalhadores rurais no dia 20 de setembro em Canabrava, no dia 21 em Bebida Velha e no dia 22 na comunidade de Jardim. O assunto foi a situação da terra no município e a Reforma Agrária.

Nas três reuniões vimos que a majoria dos trabalhadores não tem terra. Quem tem terra acha que não é o suficiente, porque não tem condições de produzir e falta garantia de preços na produção, "Eu pastoro um pedacinho de terra, mas ela é fraca e não tenho condições de produzir. A maior parte é tabuleiro e cheia de cabeca de pedra" - afirma um trabalhador da comunidade de Canabrava. Em Bebida Velha um trabalhador disse: "Eu tenho um palmo de vazante. Quando eu adubo ela, é passando fome. Agora mesmo, um carro de adubo está por 170 mil cruzeiros".

Há 20 anos atrás os proprietários não impediam que o povo botasse roçado. Os trabalhadores botavam roçado onde queriam e existia muita agricultura. Tinha a madeira pra fazer carvão e até pra fazer uma casa. Na hora que a terra se valorizou o dono não quis mais que o povo trabalhasse em suas terras.

"Uma propriedade de Pureza, há oito anos atrás, foi vendida por 300 mil cruzeiros. Um ano depois foi vendida por 3 milhões. Depois de dois anos. essa mesma terra foi vendida por 15 milhões, E hoje, o dono já enjeitou 200 milhões de cruzeiros" - afirma José dos Santos, presidente do Sindicato e animador da ACR.

Nas reuniões de Pureza ficou claro que a Reforma Agrária não é somente a distribuição de terras para os trabalhadores, mas a transformação das condições de vida do meio ru-

Noticias Breves

SOLIDARIEDADE A JUSTO

Solidarizamo-nos com o companheiro Justo Evangelista Conceição, com sua família e todas as famílias de Itapecuru Mirim/MA que estão sendo expulsas da terra. O Tribunal dá mais uma demonstração em defesa dos poderosos. A nossa solidariedade se estende à luta que os companheiros vêm travando no Sindicato, com a formação da Chapa de Oposição Sindical para as próximas eleições do dia 16 de dezem-

ASSASSINADO TIÃO DA PAZ

Foi assassinado na noite de 28 de agosto último o companheiro Tião da Paz. Era Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Uruacu/GO. Em virtude de sua posição firme em defesa dos direitos dos trabalhadores, vinha recebendo ameaças dos fazendeiros e autoridades policiais. O assassinato de Sebastião Rosa da Paz, não pode ser aceito como um "caso a mais" entre as centenas de assassinatos cometidos contra os lavradores nos últimos anos. É preciso por um basta

à violência contra os trabalhadores. É preciso punir os culpados.

DESPEJO NO ENGENHO CANCELA

O trabalhador rural José Carlos de Souza, há 17 anos empregado e morador do Engenho Cancela, propriedade da Usina Matary, em Tracunhaém/PE, foi violentamente des pejado com sua família, no dia 28 de agosto último.

O oficial de Justiça, Sr. José Belarmino, acompanhado de homens armados obrigou a mulher de José a entregar a chave da casa, mandou amarrar uma corrente em volta da casa e, depois de retirar os móveis e utensílios, ela foi totalmente destruída pelo trator da Usina Matary, Na ocasião, o oficial de justiça ainda autorizou o "Sr. Manoel Fiscal" a destruir a lavoura e fruteira do trabalhador atingido. José Carlos recorreu ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Nazaré da Mata, Tracunhaém e Buenos Aires, que junto à FETAPE está tomando as

São Rafael

GOVERNO NÃO CUMPRIU A PROMESSA

Uma das situações de maior abandono e miséria no Rio Grande do Norte é a que se encontram os trabalhadores rurais de São Rafael, no Vale do Açu. Com a construção da barragem Armando Ribeiro Gonçalves a população que habitava o vale, formada por pequenos proprietários, meeiros e arrendatários, perdeu suas terras e o governo não lhe deu outras terras, nem condições de trabalho.

São Rafael era uma cidade próspera. O vale fértil dava condições aos trabalhadores de terem até duas colheitas por ano. Com a construção da barragem a cidade foi coberta pelas águas e reconstruída em outro lugar. Hoje, São Rafael é um município sem base rural nem urbana. A cidade foi reduzida a um conjunto habitacional tipo Cohab. Não existe empregos na cidade e nem produção no campo.

Homens, mulheres e crianças do meio rural habitam há dois anos os núcleos de tábua. Eles moravam no vale, entre os municípios de São Rafael e Jucurutu (Oeste e Seridó). Os núcleos são casas de tábua construídas provisoriamente pelo DNOCS, com duração prevista para dois anos. Esse prazo termina agora em outubro.

São 13 núcleos espalhados pelo campo, distantes de São Rafael em até nove léguas. Muitos deles, situados em regiões de difícil acesso, só havendo



transporte para a cidade uma vez por semana, como é o caso de Mazagão, Estreito, Fechado e Mutamba.

O governo arrancou esse povo do vale, de suas casas, suas plantações, suas terras e o joqou nos pedregulhos, onde o solo é composto de pedras e pissarro. A situação é parecida a de refugiados de guerra em campo de concentração. Sem casa, sem terra, sem trabalho, sem alimentos, o povo não sabe o que vai ser feito dele. Não sabe onde vai morar, trabalhar, como vai sobreviver. Sabe que o DNOCS para arrancá-los do Vale, prometeu que todos iriam receber casa e terra irrigada. Já fez dois anos, O prazo terminou e nada foi providen-

Os depoimentos dos próprios prejudicados nos dão uma vaga idéia da violência oficial contra esse povo trabalhador. Veiamos:

" O DNOCS prometeu que a gente ia ter terra, vazante e eles

iam dar assistência. Depois que chegamos aqui não recebemos nada disso e o DNOCS nunca mais pisou aqui. Esse mundo de gente parado sem trabalho, sem roçado. Estamos nessa situação por causa da barragem".

"Aqui o que a gente trouxe já acabou. No vale, se não houvesse inverno tinha a vazante. E quando tinha inverno era duas safras por ano que a gente fazia".

"O DNOCS fez uma coisa muito errada. Indenizou os proprietários e lhes deu o direito de ficar na terra. Agora eles só querem criar gado. Tá vendo aquele açude ali ó? (apontando para um açude em frente ao núcleo de Cavalo Branco) É uma grande vazante, mas o dono não deixa a gente plantar nada. Nem pescar ele deixa".

"Eu trabalhava de meia no Vale, mas criava gado, ovelhas, porcos e galinhas. Arrendava cinco, até mil covas de vazantes para criar. Ainda trouxe seis rezes pra cá. As ovelhas tive que vender para sobreviver, já que ficamos sem roçado" — afirma Seu Francisco Pereira.

"A maioria de nós era meeiro. Papai era meeiro, mas tinha um pedaço de terra com 25 braças de largura e 3 km de comprimento. As águas cobriram tudo. A indenização que o DNOCS deu foi de 279 mil cruzeiros. Não deu nem para fazer outra casa" — disse Evanildo, de 15 anos de idade.

"Lá, enquanto a gente viveu nessa pouca terra, nunca perdemos um ano, sempre tinha safra. Nós resistimos pra não sair até o último momento. O DNOCS derrubou minha casa, então eu trouxe a mulher com as crianças menores aqui pro barraco. E eu com dois filhos ficamos dormindo numa latada com o gado dentro do curral. Passamos três meses nessa situação. As moças do DNOCS ficavam pastorando a gente pra não deixar que nós levantasse a casa novamente. Estávamos cercados" - diz Seu Elpídio Firmino.

"Temos que fazer uma luta, dar as mãos uns com os outros para fazer o DNOCS cumprir o que prometeu, que era levar nós pro projeto de irrigação do Baixo Açu e nos dar casa e terra irrigada" — é a saída apontada por Seu Antonio de Duca e seus companheiros.

Conflitos na Região de Mossoró

Da região oeste do Rio Grande do Norte, onde fica Mossoró, destacamos dois conflitos de terra: o de Morro Pintado, município de Areia Branca e o de Poço Redondo, em Augusto Severo.

Em Morro Pintado, 16 famílias vivem na posse da terra há mais de 25 anos. Cultivam milho, feijão, algodão e cajueiro na época do inverno. Nem toda área é cercada, por proibição de Antonio Medeiros, dono de uma parte da terra.

Em março do ano passado apareceu o Dr. José Fernandes de Queiróz, dizendo ter comprado a terra dos Medeiros. Derrubou uma parte da cerca construída pelos posseiros,

construiu outra paralela e passou a ameaçar os posseiros com tiros e capangas.

Os posseiros comunicaram o fato ao Sindicato, FETARN, Igreja e à comunidade de Areia Branca. Receberam apoio. O Sindicato e a FETARN comunicaram ao INCRA, que veio várias vezes ao local e fez a medição das terras junto com os trabalhadores. Mas a solução que os trabalhadores esperavam não veio.Em maio/83 eles se juntaram e derrubaram a cerca feita por José Fernandes.

A situação dos posseiros de Morro Pintado é cada vez mais grave. Um dos culpados é o próprio Tribunal de Justiça. Em agosto/83 os posseiros, através da FETARN, deram entrada na Comarca de Areia Branca de uma Ação de Manutenção de Posse. Mas a audiência foi adiada várias vezes. Enquanto o Juiz não toma as providências para a realização da audiência, José Fernandes e seus capangas "pintam miséria" na região, procurando amedrontar e esmorecer a luta dos posseiros.

POÇO REDONDO: AMEAÇA DE DESPEJO

Não há propriamente um conflito de terra em Poço Redondo, município de Augusto Severo. Existe um conflito de escrituras entre a família Salvino e o Sr. Armênio da Costa

Brito. Uma ação movida na Justiça pelo Sr. Armênio, teve a liminar concedida e 144 pessoas estão ameaçadas de serem despejadas da terra. Terra onde nasceram e viveram seus avós e onde hoje elas vivem.

O Juiz decretou o despejo dos trabalhadores, inclusive dos que possuem escrituras de posse das terras, pagam o INCRA e negociam com o banco. O INCRA esteve na área e fez o levantamento de campo, dos limites das terras e suas benfeitorias, além de fazer um estudo da documentação no Cartório. Os trabalhadores permanecem na terra, com esperança de que tudo se resolva favorável para o bem de suas famílias

MEB de Caicó

O MEB (Movimento de Educação de Base) acompanha 21 comunidades na diocese de Caicó/RN, sendo que uma comunidade fica na Paraíba. Em nossa visita ao Sítio Boa Vista, em Parelhas, encontramos o companheiro Expedito do MEB de Caicó, que assim nos falou sobre esse trabalho:

"No primeiro semestre deste ano ficamos mais no campo do sindicalismo e cooperativismo. Agora no segundo semestre entramos para o aprofundamento político.

O trabalho com o sindicalismo começou com o curso sobre Sindicalismo pelo rádio. Quando terminou o curso de sindicalismo já foi dando condições para a experiência com o cooperativismo, a partir do próprio espírito de cooperação presente na vida dos trabalhadores. No campo do cooperativismo, acompanhamos duas pequenas experiências com alimentos nas comunidades Saco Grande e Espinheiro, em Jucurutu, onde o povo estava morrendo de fome.

O MEB de Caicó é responsável pelos programas "Caminhos da Libertação" (de 2ª a 6ª feira, das 18:30 as 19 hs) e "Cultura Sertaneja" (aos sábados, de 18:05 as 19 hs). Eles vão ao ar pela Rádio Rural de Caicó.

A Luta pela Terra

Um documento com 282 nomes de trabalhadores rurais sem terra, a maioria moradores do bairro Santos Dumont, em São Paulo do Potengi/RN, foi enviado ao INCRA de Brasília reivindicando terra para trabalhar. A comunidade do bairro é formada por trabalhadores rurais que foram sendo expulsos das grandes propriedades da região. Foram sendo engolidos pelos latifundiários.

"A maioria das pessoas não sabe o que fazer de suas vidas. São trabalhadores sem terra e no bairro, elas estão mais próximas umas das outras. Podem encontrar algumas soluções alternativas para o difícil momento" — afirma Ir. Natália Pires, moradora do bairro e animadora da comunidade.

Além da campanha pela terra para lavoura, a comunidade unida reivindicou por duas vezes da Prefeitura local o chão de terra para os moradores. Eles querem construir suas casas e esperam conseguir, principalmente porque o prefeito Sr. Geraldo Macedo Costa prometeu atender ao apelo da comunidade.

Boa Vista dos Vieira

Na boca da noite do dia 14 de setembro estivemos reunidos na comunidade de Boa Vista dos Vieira, também conhecida como Boa Vista dos Negros, em Parelhas/RN. Começamos com a leitura da comparação que Jesus faz no Evangelho de Lucas, capítulo 18, onde fala da viúva e o juiz.

Em nossa conversa vimos que a viúva queria que o juiz julgasse os seus direitos. E por que ela foi atendida? Porque ela ia lá todo o dia. O juiz se viu aperriado e pensou: "Como essa viúva está me aborrecendo tanto, vou defender os seus direitos. Seu eu não fizer isso, ela vai acabar me dei xando louco". Mas ele só deu porque ela tinha direitos.

Qual era a maior dificuldade daquela viúva? O Evangelho diz que ela procurava o juiz e insistia: "Ajude-me, e julgue o meu caso contra o meu inimigo". E o que ajudou a viúva a vencer? Foi Deus. Foi a sua coragem, a fé, os direitos que ela exigia, a

perseverança. Ela não desanimou.

Vimos que a situação da viúva é parecida demais com a nossa vida de hoje. A gente também têm precisão, mas a gente procura e não aparece. Esse texto quis dizer para nós que quando a gente têm a certeza dos nossos direitos, temos que ser como a viúva. E é uma prova de que quando temos fé, nós enfrentamos e encontramos soluções para os nossos problemas. Jesus fez essa comparação para nos ajudar.

Continuando a nossa conversa, descobrimos que somos filhos de Deus. Ele nos deixou o mundo como herança. Por isso, temos direito à terra. Mas esse direito de todos os filhos de Deus não é respeitado. No caso da comunidade de Boa Vista dos Vieira, a terra foi herdada dos nossos antepassados, das famílias de negros africanos. Mas hoje vivemos emprensados numa pequena terra, que já foi bem maior no começo.

Reforma do Centro em Umari

No dia 16 de setembro participamos de uma reunião com 32 pessoas da comunidade de Umari, município de Ielmo Marinho/RN. O assunto foi a reforma do Centro Comunitário. Estiveram presentes à reunião as companheiras Lizete e Gilca do MEB de Natal, e a diretoria do Sindicato.

O maior problema é a dificuldade financeira e a comunidade procura uma solução coletiva para resolvê-lo. A reforma foi avaliada em 217 mil cruzeiros. Foi apresentada a proposta do FUNMEB, o fundo do MEB destinado a emprestar o dinheiro. Mas a comunidade prefere reformar o Centro por esforço próprio, sem aceitar de imediato a ajuda financeira de fora.

Alguns trabalhadores se colocam à disposição para o trabalho da mão-de-obra. Todos os participantes da reunião aprovaram a sugestão de fazer uma festa para conseguir recursos. No final da reunião, decidiram formar uma comissão de dez pessoas para organizar a festa e ficou marcada para o dia 30 uma nova reunião.

REUNIÃO EM CANTO DE MOÇA:

A Campanha Salarial dos trabalhadores da cana foi o principal assunto da reunião na comunidade de Canto de Moça, lelmo Marinho, no dia 18 de setembro.

Os trabalhadores presentes denunciaram a situação no trabalho: "22 mil e 600 cruzeiros era o salário semanal. Agora baixou. Eles estão pagando seis, nove, dez, doze mil. Cada semana é um preço."

É a região dos assalariados da AGROMAR, destilaria que está sendo implantada. Quando não recebem por diária, os trabalhadores recebem por produção. Agora os patrões estão pagando por produção. Aí é a maior exploração.

Assembléia de Palmares

Com 40 participantes, a maioria trabalhadores rurais, realizou-se no dia 5 de agosto em Palmares/PE, a l Assembléia da Pastoral Rural. Participaram trabalhadores de Palmares, Joaquim Nabuco, Água Preta, Sirinhaem, Catende, Maraial e Belém de Maria.

Entre os últimos acontecimentos da região destacamos: o atraso de salários, desemprego em massa, despejos e ameaças de trabalhadores. Cada administrador tem dois ou três "corta jaca", que passa toda informação sobre o trabalhador para o patrão. Nos engenhos os funcionários das usinas agem fazendo medo e pressão, para

que os trabalhadores não se reunam e conversem sobre seus problemas.

Foram feitas várias críticas à atuação dos sindicatos, onde as diretorias perdem mais tempo com a burocracia do que no trabalho de organização nas bases. Como também, a atuação de cima para baixo do Movimento Sindical.

Depois do aprofundamento na fé, à luz do Evangelho, os participantes fizeram um planejamento por município em vista da atuação dos cristãos na região e do fortalecimento da Pastoral Rural da Diocese de Palmares.



LUTA DO TRABALHADOR DE QUIXELÔ

Os trabalhadores rurais da paróquia de Quixelô/CE encaminharam ao Ministro do Interior, Presidente da CODAGRO, Assembléia Legislativa, CONTAG, Governador e Secretário da Agricultura do Estado do Ceará um documento com 1.633 assinaturas, denunciando várias irregularidades, de modo especial, a desvalorização da produção.

Foram denunciadas a falta de incentivo a agricultura, com relação a sementes e empréstimos agrícolas. A desvalorização do pouco produto que colheram do inverno. A má distribuição da pouca semente, que ainda por cima chegou atrasada para o plantio. Os altos preços das sementes nos postos de revenda da CODAGRO. O corte da emergência e suas consequências trágicas na vida do trabalhador. O arrombamento dos açudes que foram construídos pelo bolsão da seca, destruindo lavouras, casas e deixando muitas famílias desabrigadas.

AS EXIGÊNCIAS DOS TRABALHADORES

 Exigimos imediatamente a valorização dos nossos produtos, de maneira que venha compensar os gastos que fizemos;

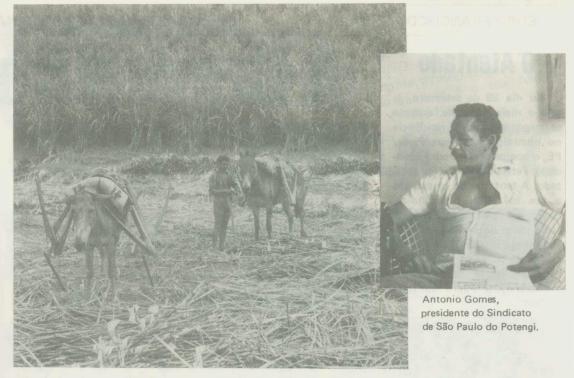
 Crédito agrícola com juros baixos no próximo ano, para o pequeno agricultor, na época necessária, ou seja, no mês de janeiro;

 Indenização às famílias que perderam suas casas e lavouras por causa dos açudes arrombados;

 A reconstrução dos açudes, de maneira que fiquem seguros;

 Exigimos a distribuição das sementes para o próximo ano, na época exata da plantação, com a participação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais;

 Que a revenda de sementes pela CODAGRO ou outros órgãos do governo, seja a preço acessível e ofereça condições para o trabalhador comprar.



SINDICALISTAS DENUNCIAM:

DESVALORIZAÇÃO DA PRODUÇÃO

O agricultor nordestino quase já não tem condições de produzir. Quando produz, o produto é condicionado ao mercado sem nenhuma garantia de preço. As empresas e os atravessadores sabem do prazo que o trabalhador tem para vender a sua produção e saldar as suas dívidas. O trabalhador é obrigado a vender seu produto por qualquer preço.

Em nossa andança pelo Rio Grande do Norte, entrevistamos alguns dirigentes sindicais que foram unânimes em apontar esse problema como o mais grave no momento. "O principal problema é a nossa merçadoria sem preço. Em meu município temos 90 por cento de pequenos proprietários. Produzimos e na hora de vender, cadê garantia? Não existe. A primeira produção da gente foi o feijão. Ele foi comprado a 2.500 cruzeiros o quilo, pra plantar. E quando começamos a colher, vendemos por 250 cruzeiros o quilo. O milho foi comprado por 700 cruzeiros o quilo, agora estamos vendendo por 160 cruzeiros. Compramos o quilo de caroço de algodão por 1.200 cruzeiros e temos que vender por 800 cruzeiros". - afirma Fernandes Bento Rodrigues, Presidente do Sindicato de Jardim de Angicos/RN.

A situação não é diferente em São Paulo do Potengi/RN, conforme afirmações do Presidente do Sindicato, Antonio Gomes da Silva: "Agui a terra permanece nas mãos de meia dúzia que vive manobrando a maioria dos trabalhadores sem terra. Na época do plantio o quilo do feijão custou 2.000 mil cruzeiros. Atualmente, um saco de 60 quilos custa 30 mil cruzeiros e no começo da safra custava 200 cruzeiros o quilo, Um quilo de caroço de algodão foi comprado por 1,200 cruzeiros. Agora na safra do algodão tá custando 800 cruzeiros. Os trabalhadores estão entregando o algodão no depósito sem saber quanto é que vai ser o preço do seu algodão. E a Sambra diz que vai baixar o preço".

Na época do plantio o governo faz a propaganda, mas não garante bons preços quando chega a safra. Segundo o companheiro Fernandes Bento, os atravessadores ainda oferecem um preço melhor que o do governo: "Aqui em Jardim de Angicos os atravessadores pagam 800 cruzeiros pelo quilo de algodão, enquanto o governo paga 672 cruzeiros. Mas nenhum dos dois preços nos interessam".

Por outro lado, a produção é também desvalorizada na região dos assalariados. Conversamos com o Presidente do Sindicato de Ceará Mirim, João Batista Bezerra: "Este sindicato cobre a área de Ceará Mirim, Taipu e Maxaranguape. Ceará Mirim tem 90 por cento de plantação de cana. Em Taipu são 40 por cento com cana e o restante com roça, milho e algodão, enquanto Maxarangua-

pe tem 40 por cento de cana e o resto é ocupado por coco e caju. 90 por cento dos trabalhadores são obrigados a vender seu dia de serviço por falta de terra para trabalhar. Terra que está concentrada nas mãos dos latifundiários"

"A gente vai trabalhar, corta cana lá no interior a semana todinha, sem saber do preço que ela vai dar. A cana vai ser pesada na usina e a gente só vai saber do preço na segunda-feira. Eles dão o que querem dar. Eles tão pagando 2 mil cruzeiros a tonelada de cana, Tem ocasião de dar até com nove cargas uma tonelada de cana. Por semana a gente corta uma média de seis a doze toneladas a 2 mil cruzeiros. Assim não dá" - desabafa o trabalhador rural Manoel Custódio Monteiro, da Fazenda Boa Esperança, em Ceará Mirim.

Como podemos ver, não existe uma valorização do trabalho. Existe sim, um roubo, uma exploração que aqui e acolá aparece de maneira diferente, conforme o tipo de produção. Exploração do trabalhador e de seu suor derramado por terra. Para Fernandes Bento a saída é "lutar por uma Reforma Agrária onde a terra seia livre para o povo trabalhar. Que ninguém tenha o poder de vender a terra. Quem quisesse teria o direito de trocar por outra. E se não quisesse trabalhar, deveria deixar para outro trabalhador ocupar a terra".

PEDRO FRANCISCO

O Atentado

No dia 28 de setembro, às sete e meia da noite, quando se encontrava em sua residência no município de Água Preta/ PE, o companheiro Pedro Francisco Ferreira sofreu um atentado. A tentativa de assassinato a tiro foi feita, tudo indica, com uma espingarda calibre 12. Uma parte do chumbo atingiu sua cabeça e outra a parede da sala. Pela carga de chumbo, se ela não tivesse se espalhado provavelmente Pedro morreria na hora.



Pedro e o companheiro Charamba.

Pedro Francisco, conhecido por todos nós da ACR, ultimamente vinha sendo ameaçado de demissão do Engenho Alegrete, da Usina Pumaty onde trabalha há 17 anos. Ele estava doente, fato comprovado por atestado médico.

Mora em Água Preta ao lado de sua esposa Maria José Marques Ferreira, com quem teve 17 filhos, 11 vivos. A filha mais velha está com 24 anos.

Nascido em Triunfo/PB, Pedro 'tem atualmente 53 anos de idade. Em 1965 trabalhava no engenho Prato Grande, da Usina Catende. Foi candidato e presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Água Preta durante oito meses.

Depois disso já participou de três campanhas sindicais e atualmente é um dos candidatos da chapa de oposição ao Sindicato. Anima a ACR há vários anos, ajudando na evangelização da região junto a Pastoral Rural da diocese de Palmares. É sócio efetivo do CEN-TRU, dirigente nacional e estadual da CUT e membro do Diretório Regional do PT.

Nós da ACR e Grito no Nordeste nos solidarizamos com Pedro Francisco e seus familiares e repudiamos essa violência que quer impedir a organização dos trabalhadores. No entanto, a luta dos trabalhadores não se detém com balas. Pedro Fracisco continuará junto com seus companheiros a missão de educar a sua classe.

A Greve Vitoriosa



Durante a greve um grupo conversa no Eng. Pau Amarelo, S. Benedito do Sul

Em seu sexto ano de luta desde 1979, os trabalhadores da zona canavieira de Pernambuco entraram mais uma vez em greve e conseguiram outra importante vitória.

Seis sindicatos quebraram logo as expectativas dos patrões. Entraram em greve antes dos outros. Não se deixaram enrolar pelos patrões, que tentaram "cozinhar" as negociações. Menos de uma semana depois, os demais 38 sindicatos seguiram o mesmo exemplo dos primeiros. Foram 10 dias de greve em 6 municípios e 5 dias nos 38 municípios restan-

Mais de 240 mil trabalhadores da cana entraram em greve. Foi uma greve difícil, dura, mais comprida que nos anos anteriores. Os patrões em muitos engenhos, com as armas nas mãos, obrigaram trabalhadores a voltarem ao trabalho. Mas a grande maioria resistiu e levou adiante a greve.

As principais vitórias foram as seguintes.

- novo salário: 190 mil cruzeiros mensais. Não é exatamente o que se reivindicava, isto é, 204 mil cruzeiros, mas está bem perto;

- a manutenção da tabela de tarefas;

o salário família;

- a estabilidade para os delegados sindicais.

Esta última vitória (a estabilidade do delegado sindical) é particularmente importante: os delegados sindicais são as pernas do sindicato. A maioria dos sindicatos têm poucos delegados. Com a conquista da estabilidade no emprego, muitos companheiros se sentirão mais estimulados a assumirem essa responsabilidade.

Os trabalhadores da cana do Rio Grande do Norte e da Paraíba travaram a mesma luta dos companheiros de Pernambuco. Entraram em greve e conseguiram as mesmas vitó-

As greves acabaram, Elas foram importantes. Mas devem ser bem avaliadas, para tirar lições em vista das lutas futuras:

- Será que os diretores sindicais assumiram pra valer seu papel de dirigentes na greve?

- Será que as equipes de apoio se limitaram a apoiar ou tiveram que assumir a própria direção da greve naqueles sindicatos onde os diretores ficaram parados? Por que isso aconte-

- Por que houve trabalhadores que furaram a greve?

lado dos patrões? Por que? - Foi bom que alguns sindi-

balhadores ou se colocou do

catos entraram em greve antes dos outros? Por que? Há quem diga que faltou

o fundo de greve. O que nós achamos disso?

 Os trabalhadores respeitaram a lei para que a greve fosse julgada legal. Mesmo assim, houve violência por parte dos patrões. Será que o respeito a lei é o bastante para garantir nossos direitos? Se não foi o bastante, o que podemos fazer a mais?

As greves terminaram. Mas a luta continua. É a luta pelo cumprimento das reivindicações que foram aprovadas. Esta é a luta mais difícil.

As últimas notícias em Pernambuco, dizem que os patrões recorreram ao Tribunal Superior do Trabalho, de Brasília, para suspender o salário e a tabela conquistada pelos traba-Ihadores. Eles não aceitam a decisão do Tribunal Regional do Trabalho de Pernambuco.

O Movimento Sindical reage. No dia 16 de outubro, mais de 10 mil trabalhadores foram às ruas de Recife numa passeata de protesto contra a atitude dos patrões. O Movimento Sindical se mobiliza e já organiza uma nova greve pelo cumprimento das reivindicações aprovadas.

Como vamos garantir o cumprimento do que conquistamos com a greve? Que passos vamos dar?



A greve foi vitoriosa



A passeata de protesto contra a decisão dos patrões